

Remix Ensemble

Casa da Música

Orquestra Sinfónica

do Porto Casa da Música

24 Abr 2015

21:00 Sala Suggia

-

MÚSICA & REVOLUÇÃO

MÚSICAS PROIBIDAS

ANO ALEMANHA

1ª PARTE

Remix Ensemble Casa da Música

Baldur Brönnimann *direcção musical*

Ângela Alves *soprano*

Miguel Leitão *tenor*

Luís Rendas Pereira *barítono*

Ricardo Torres *baixo*

Hanns Eisler

Kantate im Exil (1937; c.5min.)*

1. *Vivemos dia após dia*
2. *Ninguém vive no presente*
3. *Não devemos esperar; há que dizer:*
Basta!

Arnold Schoenberg/Hanns Eisler

Natur, op. 8 nº 1 (1904/1921; c.4min.)*

Kurt Weill / Bertolt Brecht

Das Berliner Requiem (1928; c.20min.)*

1. *Grande coral de graças*
2. *Balada da rapariga afogada*
3. *Marterl. Aqui repousa a virgem*
4. *Primeiro relato sobre o soldado*
desconhecido sob o Arco do Triunfo
5. *Segundo relato sobre o soldado*
desconhecido sob o Arco do Triunfo
6. *Grande coral de graças*

2ª PARTE

Orquestra Sinfónica

do Porto Casa da Música

Stefan Blunier *direcção musical*

Paul Hindemith

Ragtime, op. 20 (1921; c.4min.)

Ernest Krenek

Sinfonia para instrumentos de sopro e
percussão, op. 34 (1925; c.18min.)

1. *Allegro* -
2. *Adagio molto*
3. *Allegro* -
4. *Andante*

Erich Korngold

Abertura Sinfónica *Sursum corda*, op. 13

(1919; c.20min.)

*Textos originais e traduções nas páginas 5 a 10



MECENAS ORQUESTRA SINFÓNICA

PATRONO MAESTRO TITULAR REMIX ENSEMBLE



APOIO

PATROCINADOR ANO ALEMANHA

PATROCINADOR OFICIAL ANO ALEMANHA



Embaixada
da República Federal da Alemanha
Lisboa



Deutsche Bank

CO-FINANCIADO POR



O NOVO NORTE
Programa Operacional
Regional do Norte



UNião Europeia
Fundo Europeu de
Desenvolvimento Regional

A CASA DA MÚSICA É MEMBRO DE



EUROPEAN
CONCERT HALL
ORGANISATION



Hanns Eisler

LEIPZIG, 6 DE JULHO DE 1898

BERLIM, 6 DE SETEMBRO DE 1962

Filho do filósofo Rudolf Eisler, um judeu austríaco, Hanns nasceu em 1898 na cidade de Leipzig mas passou a infância em Viena. Entre 1919 e 1923 foi aluno de Schoenberg. Extremamente profícuo enquanto compositor, o seu catálogo ultrapassou largamente os dos seus colegas mais famosos, no que diz respeito à associação a Schoenberg, nomeadamente Alban Berg e Anton Webern. Para além de composições para os tradicionais meios de expressão musical, Hanns Eisler abraçou as novas tecnologias do seu tempo e compôs para o cinema e para a rádio, para coros de trabalhadores (área em que teve uma acutilante intervenção social), para grupos escolares, bem como para o teatro e para os espectáculos de cabaré. Um intelectual com créditos firmados no domínio da musicologia, Eisler contou entre o seu círculo de amigos com alguns dos mais brilhantes artistas e pensadores do século XX. No domínio das colaborações artísticas salienta-se a longa colaboração com Bertolt Brecht, iniciada em 1930 e apenas terminada com a morte do escritor e dramaturgo em 1956.

Eisler foi um crítico feroz dos nazis. Somando a isso a sua descendência e o apoio declarado ao Partido Comunista Alemão, foi dos primeiros artistas a deixar Berlim no ano fatídico de 1933. Nos anos que se seguiram até se instalar em Nova Iorque, em 1938, Hanns Eisler viajou por Praga, Viena, Londres, Moscovo, Espanha, México, Dinamarca e Estados Unidos. A *Cantata no exílio*, op. 62, para voz feminina, dois clarinetes, viola e violoncelo, foi escrita durante este período,

datando a partitura de 1937. A cantata tem por base três poemas de Ignazio Silone, autor italiano que fundou o Partido Comunista Italiano. Utilizando uma escrita instrumental esparsa mas extremamente eficiente e rítmica, contrastando ambientes de acordo com o conteúdo do texto, a cantata segue um estilo narrativo, quase discursivo, dando proeminência à clareza do texto de intervenção de Silone.

Arnold Schoenberg

VIENA, 13 DE SETEMBRO DE 1874

LOS ANGELES, 13 DE JULHO DE 1951

A canção *Natur* (Natureza), de Schoenberg, foi composta em 1904 e pertence à sua fase inicial, durante a qual o compositor escreveu de acordo com as regras da harmonia funcional. Pertence a um grupo de 6 canções com acompanhamento orquestral que o compositor concluiu em 1905. O texto da primeira canção, *Natur*, é o único da autoria do escritor naturalista alemão Heinrich Hart (1855-1906) e representa um louvor à natureza com o qual Schoenberg muito se deve ter identificado. Com uma melodia muito expressiva de recorte mahleriano, esta canção foi reorquestrada para ensemble de câmara por Hanns Eisler, um dos mais brilhantes alunos de Schoenberg, em 1921. A orquestração de Eisler inclui flauta, oboé, clarinete em Lá, harmónio, piano, quarteto de cordas e contrabaixo.

Foi precisamente no ano de 1921 que Schoenberg teve a primeira experiência traumática relacionada com a sua ascendência judaica. Juntamente com a família, foi expulso de um hotel que não admitia judeus como hóspedes. Doze anos mais tarde, na

sequência da Lei da Restauração dos Profissionais dos Serviços Cívicos de 7 de Abril de 1933, imposta pelo III Reich, Schoenberg foi demitido do seu cargo de professor da Academia das Artes de Berlim e a sua música banida de qualquer tipo de apresentação pública na Alemanha.

Kurt Weill

DESSAU, 2 DE MARÇO DE 1900

NOVA IORQUE, 3 DE ABRIL DE 1950

A dupla constituída pelo judeu Kurt Weill e o marxista Bertolt Brecht foi das mais odiadas pelo regime nazi. As suas criações artísticas eram representações máximas do decadentismo, resultado de uma visão realista da sociedade e dos seus mais brutais desequilíbrios. Durante os anos finais da República de Weimar, ainda antes da subida ao poder de Hitler que conduziu ao exílio dos dois artistas, os simpatizantes do Partido Nazi boicotavam espectáculos da dupla lançando bombas de mau cheiro para o palco.

Das Berliner Requiem foi escrito em resposta a uma encomenda da Rádio de Frankfurt em 1928. Kurt Weill escolheu uma série de poemas de Brecht em colaboração com o próprio autor e segundo um critério que pretendeu dar voz ao que os homens e mulheres seus contemporâneos pensavam sobre a morte. Os textos são de uma grande crueldade e oferecem uma visão cínica da sociedade que procura esquecer os seus mortos, vítimas da guerra e da própria sociedade corrupta.

A instrumentação é muito variada entre as 5 secções que constituem este Requiem secular. O *Grande coral de graças*, cantado pelas vozes de tenor, barítono e baixo, é acompanhado pelos sopros, madeiras e metais,

de acordo com a tradição dos corais sacros, numa alusão ao acompanhamento organístico. A *Balada da rapariga afogada* é igualmente cantada pelas três vozes mas acompanhada simplesmente por uma guitarra, facto que reforça a morte solitária descrita no texto. Os solos de saxofone e clarinete que dão início ao texto “Aqui repousa a virgem” reforçam o decadentismo associado às canções de cabaré e que domina o ambiente desta breve canção. As duas últimas secções do Requiem têm textos alusivos ao soldado desconhecido. O *Primeiro relato* tem início com ritmos pontuados alusivos a marchas militares e o canto segue um modelo de contraponto imitativo, assumindo depois um estilo declamatório muito próximo ao canto falado. Este registo atinge uma dimensão mais dramática no *Segundo relato*, um recitativo para a voz de barítono acompanhada pelo órgão ou harmonio. O Coral inicial é geralmente repetido encerrando o Requiem.

Hanns Eisler: *Cantata no exílio*

Texto: Ignazio Silone

1.

Man lebt vom einen Tage zu dem andern.

Man denkt, dass es nur vorläufig

noch schlecht ist,

Man vorläufig entbehren muss,

nur vorläufig sich demütigen muss.

Vorläufig!

Das wahre Leben wird ja erst beginnen.

Eines Tages.

Man bereit sich vor zu sterben,

mit Bedauern nie gelebt zu haben.

So vergeht die Zeit.

2.

Niemand lebt in der Gegenwart.

Niemand hat etwas von seiner Arbeit.

Niemand weiss, wie lange noch.

Auch die Freunde des Regimes leben in

Unsicherheit.

Auch sie wissen nicht, wie lange noch.

Alles lebt in Erwartung.

Vivemos dia após dia.

Pensamos que só provisoriamente

ainda é mau,

Que só provisoriamente temos de carecer,

que só provisoriamente nos temos

de humilhar.

Provisoriamente!

Pois a verdadeira vida ainda virá.

Um dia.

Preparamo-nos para morrer,

lamentando nunca ter vivido.

E assim o tempo passa.

2.

Ninguém vive no presente.

Ninguém ganha nada com o trabalho.

Ninguém sabe, por quanto tempo ainda.

Até mesmo os amigos do regime vivem na

insegurança.

Nem eles sabem por quanto tempo ainda.

Todos vivem na expectativa.

3.

*Man soll nicht warten;
man muss sagen: Es ist genug.
Jetzt ist es genug,
von dieser Stunde an ist es genug.
Die Freiheit bekommt man nicht geschenkt,
man muss sie sich nehmen.
Auch in der Unterdrückung kann man frei sein,
wenn man gegen sie kämpft.
Wer mit dem eignen Kopf denkt,
ist ein freier Mensch.
Wer für das kämpft, was er für gerecht hält,
ist ein freier Mensch.*

*Dagegen kann man im freiesten Land
der Welt nicht frei sein,
wenn man faul, stumpf, servil, willenlos ist.
Nein, die Freiheit bekommt man nicht
geschenkt, man muss sie sich nehmen.*

Arnold Schoenberg: Natureza

Texto: Heinrich Hart

*Nacht fließt in Tag und Tag in Nacht,
Der Bach zum Strom,
Der Strom zum Meer
In Tod zerrinnt des Lebens Pracht,*

*Und Tod zeugt Leben licht und hehr.
Und jeder Geist, der brünstig strebt,
dringt wie ein Quell in alle Welt,
Was du erlebst, hab ich erlebt,
Was mich erhellt, hat dich erhellt.
All' sind wir eines Baums Getrieb,
ob Ast, ob Zweig,
Ob Mark, ob Blatt gleich hat Natur
uns alle lieb,
Sie, unser aller Ruhestatt.*

3.

*Não devemos esperar;
há que dizer: Basta!
Agora basta,
a partir desta hora, basta.
A liberdade não nos é dada,
temos de a conquistar.
Mesmo na repressão podemos ser livres,
quando se luta contra ela.
Quem pensa pela sua própria cabeça
é livre.
Quem luta pelo que considera justo
é livre.*

*Por outro lado pode não se ser livre
no estado mais livre deste mundo, se
se for preguiçoso, tosco, servil, insipiente.
Não, a liberdade não nos é dada,
temos de a conquistar.*

*A noite desagua no dia e o dia na noite,
O ribeiro na corrente,
A corrente no mar,
O esplendor da vida encontra na morte
o seu desenlace,
E a morte gera vida sublime e brilhante.
E cada espírito de vontade fervorosa invade
o mundo inteiro como uma nascente,
O que tu vives, eu vivi,
O que me ilumina, te iluminou a ti,
Todos somos o rebento de uma árvore,
seja ramo ou galho,
Sabugo ou folha, a natureza nos ama a todos
como iguais,
Ela, a jazida de nós todos.*

Kurt Weill: O Requiem de Berlim

Textos: Bertolt Brecht

1. Grande coral de graças

*Lobet die Nacht und die Finsternis,
die euch umfängen!*

Kommet zuhauf!

Schaut in den Himmel hinauf:

Schon ist der Tag euch verfangen.

*Lobet von Herzen das schlechte Gedächtnis
des Himmels!*

Und dass er nicht

Weiß euren Nam' noch Gesicht.

Niemand weiß, dass ihr noch da seid.

*Lobet das Gras und die Tiere,
die neben euch leben und sterben!*

Sehet, wie ihr

Lebet das Gras und das Tier.

Und es muss auch mit euch sterben.

*Lobet die Kälte,
die Finsternis und das Verderben!*

Schauet hinan:

Es kommet nicht auf euch an.

Und ihr könnt unbesorgt sterben

Louvai a noite e a escuridão que
vos abraçam!

Reuni-vos em massa!

Olhai para cima para o céu:

Já o dia passou e vos enredou.

Louvai de coração a fraca memória
do céu!

E que ele não

Saiba o vosso nome nem rosto.

Ninguém sabe que ainda cá estais!

Louvai a grama e os animais
que vivem e morrem a vosso lado!

Vede, como vós

Viveis a grama e o animal.

E que isso também convosco terá que morrer.

Louvai o frio,
a escuridão e a perdição!

Olhai para cima:

Não depende de vós

E podeis morrer despreocupados.

2. Balada da rapariga afogada

*Als sie ertrunken war und hinunter schwamm
Von den Bächen in die größeren Flüsse,
Schien der Opal des Himmels sehr wunderschön,
Als ob er die Leiche begütigen müsse.*

*Tang und Algen hielten sich an ihr ein,
So dass sie langsam viel schwerer ward.
Kühl die Fische schwammen an ihrem Bein,
Pflanzen und Tiere beschwerten noch ihre
letzte Fahrt.*

*Und der Himmel ward abends dunkel wie Rauch
Und hielt nachts mit den Sternen das Licht in
der Schweben.
Aber früh ward er hell, damit es auch
Für sie noch Morgen und Abend gebe.*

*Als ihr bleicher Leib im Wasser verfaulet war,
Geschah es (sehr langsam), dass Gott sie
allmählich vergaß.
Erst ihr Gesicht, dann die Hände und zuletzt
erst ihr Haar.
Dann ward sie Aas in Flüssen mit vielem Aas.*

3. Marterl. Aqui repousa a virgem

*Hier ruht die Jungfrau Johanna Beck.
Als sie starb, war ihre Unschuld schon
vorher weg.*

*Die Männer haben ihr den Rest gegeben,
Dum floh sie aus diesem süßen Leben.
Ruhe sanft, ruhe sanft.*

4. Primeiro relato sobre o soldado desconhecido sob o Arco do Triunfo

- Vimos das montanhas

*Wir kamen von den Gebirgen und vom Weltmeer,
Um ihn zu erschlagen.
Wir fingen ihn mit Stricken, langend
Von Moskau bis zur Stadt Marseille
Und stellten auf Kanonen, ihn erreichend*

Quando ela se afogou e lentamente se afundou
Pelos ribeiros abaixo até aos rios maiores,
O céu opalino maravilhosamente brilhou
Como que envolvendo o seu cadáver.

Limos e algas nela se enroscavam,
Fazendo-a ficar cada vez mais pesada.
Os peixes, frios, as suas pernas tocavam,
Plantas e bichos a sua última viagem
embaraçavam.

E o céu, em fim de tarde, escureceu cinzento,
Toldando na noite a luz em suspenso
das estrelas.
Mas cedo se iluminou, para que também
Para ela ainda houvesse noite e dia.

Quando o pálido corpo na água foi apodrecendo,
Deus (a pouco e pouco) a foi esquecendo.
Primeiro seu rosto, suas mãos e por fim o
cabelo,
Ela virou matéria morta em rios cheios de
matéria morta.

Aqui repousa a virgem Johanna Beck.
Quando morreu, já a sua inocência se tinha ido.

Os homens fizeram o resto,
Pelo que ela se evadiu desta doce vida.
Suave quietude, suave quietude.

Vimos das montanhas e dos mares
Para o trucidar.
Com cordas o prendemos,
Entre Moscovo e Marselha,
Apontámos-lhe canhões

*An jedem Punkt, wo er hinfliehen konnte,
Wenn er uns sah.*

*Wir versammelten uns vier Jahre lang,
Legten nieder unsere Arbeit und standen
In den zerfallenden Städten, uns zurufend in
vielen Sprachen
Von den Gebirgen bis zum Weltmeer,
Wo er sei.
So erschlugen wir ihn im vierten Jahr.*

*Dabei waren,
Die er war geboren zu sehn
Um sich stehend zur Zeit seines Todes:
Wir alle.
Und dabei war eine Frau, die ihn geboren hatte
Und die geschwiegen hatte,
als wir ihn holten.
Der Schoß sei ihr ausgerissen,
Amen!*

*Als sie ihn aber erschlagen hatten,
Richteten wir ihn zu, dass er sein Gesicht verlor
Durch die Spuren unsrer Fäuste.
So machten wir ihn unkenntlich,
Dass er keines Menschen Sohn mehr sei.*

*Und gruben ihn aus unter dem Erz,
Trugen ihn heim in unsere Stadt
Und begruben ihn unter dem Stein,
Und zwar unter einem Bogen genannt
Bogen des Triumphs,
Welcher wog tausend Zentner, dass
Der Unbekannte Soldat
Keinesfalls aufstünde am Tag des Gerichts
Und unkenntlich
Wandelte vor Gott,
Dennoch wieder im Licht
Und bezeichnete uns Kenntliche
Zur Gerechtigkeit.*

Para onde quer que ele fugisse,
Caso nos visse.

Durante quatro anos nos reunimos,
Pusemos de lado o trabalho e ali firmes ficámos,
Nas cidades desmoronadas, anunciando em
várias línguas,
Por montanhas e mares,
Onde ele se encontrava.
E assim, ao quarto ano, o abatemos.

Presentes estavam
Os que ele vira nascer,
De pé à sua volta à hora de morrer,
Todos nós.
E estava lá a mulher que à luz o dera,
Circumspecta e em silêncio,
enquanto o levávamos.
Que o seu ventre seja estripado,
Ámen!

Mas depois de o matar,
Desfigurámo-lo, até ele perder a cara,
Com as marcas dos nossos punhos.
Tornámo-lo assim irreconhecível,
Para que não fosse visível que era filho de
alguém.

Desenterrámo-lo dos escombros,
Trouwemo-lo para casa para a nossa cidade
E enterrámo-lo sob pedra,
Mais precisamente sob um arco chamado
Arco do Triunfo,
Que pesa uma tonelada,
Não vá o soldado desconhecido
Levantar-se no dia do juízo final,
E irreconhecível,
Mas de novo na luz,
Diante de Deus,
Apontar-nos a nós, reconhecíveis,
Para sermos levados à justiça.

5. Segundo relato sobre o soldado desconhecido sob o Arco do Triunfo

- Tudo o que vos disse

*Alles was ich euch sagte
Über Ermordung und Tod des Unbekannten
Soldaten
Und die Verwüstung seines Gesichts,
Auch was ich euch sagte über die Bemühung
seiner Mörder,
Ihn zu hindern am Wiederkommen,
Ist wahr.
Aber er kommt nicht wieder*

*Sein Gesicht war lebendig wie das eure,
Bis es zerschmettert wurde und nicht mehr war.
Und er ward nicht mehr gesehen auf dieser Welt,
Weder ganz noch zerschmettert,
Weder heute noch am Ende der Tage,
Und sein Mund
Wird nicht reden am Jüngsten Gericht.*

*Es wird kein Gericht sein, sondern euer Bruder
Ist tot und tot ist der Stein über ihm,
Und ich bedaure
Jeglichen Hohn, und ziehe zurück meine Klage.*

*Aber ich bitte euch, da ihr ihn
Nun einmal erschlagen habt,
Still! Fangt nicht von neuen an
Zu streiten, da er doch tot ist.
Aber doch bitte ich, da ihr ihn also
Erschlagen habt:
Entfernt wenigstens den Stein über ihm,
Denn dieses Triumphgeheul ist doch nicht nötig
Und macht mir Kummer,
Denn mich, der ich den Erschlagenen
Schon vergessen hatte, erinnert er
Täglich an euch, die ihr noch lebt,
Und die ihr immer noch nicht erschlagen seid.
Warum denn nicht?*

Tudo o que vos disse
Sobre o assassinato e a morte do soldado desconhecido
E a desfiguração do seu rosto,
E também o que vos disse sobre os esforços dos seus assassinos
Para que ele não pudesse voltar
É verdade.
Mas ele não vai regressar.

O seu rosto era vivo como o vosso,
Até ser desfigurado e deixar de o ser.
E ele não mais foi visto neste mundo,
Nem inteiro, nem trucidado,
Nem hoje, nem no fim dos dias,
E a sua boca
Não falará no juízo final.

Não haverá juízo; o vosso irmão
Está morto, e morta está a pedra sobre ele,
E lamento
Qualquer escárnio, e retiro a minha queixa.

Mas vos peço, a vós
Uma vez que o abatestes,
Quietos! Não recomeçai de novo
A batalhar, pois ele está morto.
Mas eu vos peço, uma vez que
O matastes:
Removei pelo menos a pedra sobre ele,
Pois esse alarido de triunfo não é necessário
E desgosta-me,
Porque eu já o tinha esquecido,
Ao trucidado, e faz-me lembrar
Diariamente de vós, que estais vivos,
De vós que não fostes abatidos.
Afinal porque não?

Traduções: Luísa Lara

Paul Hindemith

HANAU, HESSE, 16 DE NOVEMBRO DE 1895

FRANKFURT AM MAIN, 28 DE DEZEMBRO DE 1963

Paul Hindemith representa um dos muitos casos de compositores que mantiveram uma relação conflituosa com o regime nazi mas que durante alguns anos conseguiram manter a sua actividade artística na Alemanha do III Reich à custa de algum comprometimento com o regime. Hindemith foi desde cedo um multi-instrumentista prodigioso. Aos 20 anos de idade era já concertino da Ópera de Frankfurt e compunha numa alargada multiplicidade de géneros. A crítica alemã apontava a sua falta de comprometimento com o folclore germânico e a duvidosa ascendência que o atonalismo e o jazz tinham na sua obra. Em 1921, o *Ragtime*, composto sobre o tema da Fuga em Dó menor do primeiro caderno do *Cravo bem-temperado* de Bach, constituiu uma afronta aos defensores da tradição e da superioridade germânica. Era uma espécie de sacrilégio alterar uma fuga do grande mestre e submetê-la aos ritmos do Novo Mundo. Anos mais tarde, o musicólogo do regime nazi Hans Joachim Moser falaria deste tipo de influências do jazz na cultura alemã como a “negriização” da sociedade. A influência do jazz na música erudita germânica fazia-se sentir desde a década de 1910, nomeadamente nas obras de Erwin Schulhoff (1894-1942), compositor que viria a morrer num campo de concentração, e de Ernst Krenek (1900-1991), o qual se exilou nos Estados Unidos da América.

Ernest Krenek

VIENA, 23 DE AGOSTO DE 1900

PALM SPRINGS, 22 DE DEZEMBRO DE 1991

Natural de Viena, cidade onde iniciou os estudos que prosseguiu em Paris e Berlim, Ernest Krenek foi um dos músicos que mais abraçou o Modernismo e as múltiplas tendências artísticas que marcaram os anos do pós-guerra na República de Weimar. Entre o alargado espectro de influência que a sua música denota, destacam-se tendências tão distintas quanto o dodecafonismo ou o jazz, bem como a música para bandas de sopros. Acérrimo anti-nazi, pró-austríaco e católico, princípios que defendeu nas suas óperas *O ditador* (1927) e *Karl V* (1933), Krenek foi autor de uma das mais bem-sucedidas e polémicas óperas da República de Weimar, *Jonny spielt auf* (1926). O personagem da ópera inspirou o cartaz da exposição sobre Música Degenerada (Entartete Musik) promovida durante o III Reich. Representação máxima da influência do jazz e do fenómeno da “negriização” da cultura germânica, a ópera foi imediatamente proibida após a ascensão ao poder dos nazis e o compositor refugiou-se nos Estados Unidos.

A Sinfonia para instrumentos de sopro e percussão, op. 34, data de 1925, e na sua instrumentação denota a influência das bandas de jazz, nomeadamente no forte pendor rítmico da escrita. No entanto, a linguagem é muito distinta. Se por um lado as estruturas rítmicas e acentuações, com surpreendentes interrupções, nos remetem para a influência de Stravinski, as melodias e harmonias denotam uma aproximação a Schoenberg e a alguma nostalgia associada à música viense da viragem do século, mais marcada nos andamentos lentos.

Erich Korngold

BRNO, 29 DE MAIO DE 1897

HOLLYWOOD, 29 DE NOVEMBRO DE 1957

Erich Korngold era filho de um dos mais influentes críticos musicais da viragem para o século XX, Julius Korngold. Por conselho de Mahler, seguiu os estudos musicais com Alexander Zemlinsky. Menino-prodígio no domínio da composição, escreveu grandes obras desde muito cedo, revelando uma veia melódica extraordinária e que sempre condicionaria a totalidade da sua obra e a fixação num estilo pós-romântico. Foi a convite de Max Reinhardt, que se havia exilado nos Estados Unidos após a subida ao poder de Hitler em 1933, que Erich Korngold partiu para a América com a família em 1934, país onde permaneceu e se afirmou como um dos grandes compositores de Hollywood. A sua partitura para o filme *As Aventuras de Robin Wood* recebeu um Óscar da Academia em 1938, o primeiro a ser atribuído a um compositor.

A Abertura Sinfónica *Sursum Corda*, para grande orquestra, segue o modelo dos poemas sinfónicos de Richard Strauss, a quem é dedicada. A expressão *Sursum Corda* (Corações ao alto) indica o tema deste poema, a luta entre o bem e o mal e a coragem de vencer, representada na coda simultaneamente triunfante, alegre e tumultuosa. O tema mais impetuoso do início foi depois utilizado como *leitmotif* do personagem Robin Wood na banda sonora premiada do filme. O próprio Korngold dirigiu a estreia da peça em Viena, em Janeiro de 1920. Parecendo hoje difícil de acreditar, na época foi considerada uma peça difícil de ouvir. A parte da escrita instrumental permanece, ainda hoje, extremamente exigente.

RUI PEREIRA, 2015

Baldur Brönnimann *direcção musical*

Baldur Brönnimann é um maestro de grande versatilidade com uma abordagem aberta à criação musical e uma afinidade particular pelas partituras contemporâneas mais complexas. Divide o seu tempo entre as salas de concerto e os teatros de ópera, e sempre que possível procura actividades de âmbito educativo e comunitário. Em Janeiro de 2015 tornou-se Maestro Titular da Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música, no seguimento de uma relação de longo prazo com a orquestra, durante a qual dirigiu um vasto repertório, incluindo obras standard e contemporâneas, e trabalhou com artistas e compositores como Luca Francesconi, Jonathan Harvey e Håkan Hardenberger.

Durante muitos anos, foi o maestro escolhido para projectos importantes com compositores de topo, tendo desenvolvido estreitas colaborações com John Adams, Saariaho, Birtwistle, Chin e Adès, e com orquestras como as Filarmónicas de Oslo, Seul e Real de Estocolmo, Britten Sinfonia e London Sinfonietta. A música contemporânea continua a ter um papel crucial na sua carreira, mas é procurado de igual forma para dirigir o repertório mais corrente, num repertório vasto e ecléctico que apresenta por todo o mundo.

Na temporada de 2014/15, Brönnimann regressa como maestro convidado à Orquestra Sinfónica da BBC para dirigir uma nova encenação multimédia de *Alice in Wonderland* de Chin, no Barbican Centre, bem como ao Klangforum Wien – que dirige todas as temporadas –, Remix Ensemble, Filarmónicas de Helsínquia, Copenhaga e Estrasburgo, Philharmonia, Sinfónica do Oeste Australiano, entre

outras orquestras. Estreia-se com orquestras como a Sinfónica de Gotemburgo, Nacional de Bordéus e Filarmónica de Bruxelas, onde se apresenta com o pianista Lars Vogt no âmbito do festival Piano Days de Flagey.

Brönnimann dirigiu óperas de Ligeti, Adams, Saariaho, Romitelli, Schoenberg, Szymanowski e Lachenmann na English National Opera, Teatro Colón (Argentina), Ópera Norueguesa, Festival de Bergen e Teatro de Viena.

Foi Director Musical da Orquestra Sinfónica Nacional da Colômbia (2009-2012) e, desde 2011, é Director Artístico do ensemble norueguês de música contemporânea BIT20, com o qual se centra no fortalecimento dos laços do ensemble com o seu público e no desenvolvimento de projectos junto da comunidade cultural da Noruega.

Natural da Suíça, Baldur Brönnimann estudou na Academia de Música da Basileia e no Royal Northern College of Music em Manchester, onde foi nomeado Professor Convidado de Direcção de Orquestra.

Stefan Blunier *direcção musical*

Desde 2008, Stefan Blunier é Director Geral de Música da Cidade de Bona, acumulando os cargos de Maestro Titular da Orquestra Beethoven de Bona e da Ópera de Bona. Sob a sua direcção carismática, a orquestra tem-se tornado cada vez mais requisitada para apresentações no estrangeiro, com destaque para digressões na China e EUA, onde regressa em 2016. Conquistou dois prémios ECHO Klassik para “disco de ópera do ano” (*Der Golem* de Eugen d’Albert, 2011; e *Irrelohe* de Schreker, 2012). A recente gravação das Sinfonias n.ºs 1 e 5 de Beethoven foi também nomeada para o ECHO Klassik.

Foi Maestro Convidado Principal da Orquestra Nacional da Bélgica (2010-13), tendo realizado gravações e digressões, incluindo apresentações no Concertgebouw de Amsterdão, na Alemanha, Áustria e Eslovénia. Regressa a Bruxelas todas as temporadas.

Como convidado, dirigiu praticamente todas as orquestras sinfónicas das rádios alemãs, a Orquestra da Gewandhaus de Leipzig, a Filarmónica de Ludwigshafen, a Orquestra Sinfónica de Duisburg e numerosas orquestras na Dinamarca, Bélgica, Coreia, Suíça e França. Entre os compromissos recentes e próximos incluem-se: Sinfónica NHK, Filarmónica de Estugarda, Sinfónica Nacional da Irlanda, Sinfónica do Porto Casa da Música, Sinfónica Escocesa da BBC, Filarmónica de Rheinland-Pfalz, Filarmónica do Sul dos Países Baixos, Rádio Norueguesa e Sinfónica Century de Osaka.

Tem trabalhado nas companhias de ópera de Munique, Hamburgo, Leipzig, Estugarda e Berlim (Deutsche Oper e Komische Oper), bem como em Montpellier, Oslo, Berna e Londres. A sua programação reflecte também um interesse especial pelo repertório do final do século XIX e início do século XX e na música contemporânea – dirigiu óperas como *Irrelohe* e *Das Spielwerk* de Schreker, *Krol Roger* de Szymanowski, *Der Rattenfänger* de Cerha e a estreia alemã de *L'amour de loin* de Saariaho.

Natural da Suíça, Stefan Blunier estudou piano, trompa, composição e direcção na Escola Superior de Folkwang em Essen, e destacou-se inicialmente como maestro e pianista. A sua carreira de maestro floresceu nas companhias de ópera da Alemanha, tendo sido Maestro Titular Associado no Teatro de Mannheim e Director Musical e Maestro Titular no Teatro de Darmstadt (2001-2008).

■ **Ângela Alves soprano**

Ângela Alves é licenciada em Canto pela ESMAE, na classe de Fernanda Correia, e Mestre em Música pela Universidade de Aveiro, sob a orientação de António Salgado. Realizou vários cursos de aperfeiçoamento vocal.

No campo da ópera interpretou Grilletta (*O Boticário* de Haydn), Rowan (*The Little Sweep* de Britten), Helen (*Hin und Zurück* de Hindmith), Serpina (*La Serva Padrona* de Pergolesi), Pamina (*A Flauta Mágica* de Mozart), papéis-título em *A Donzela Guerreira* de Maria de Lurdes Martins e *Natércia* de Sara Carvalho, Anna I (*Os Sete Pecados Mortais* de Weill), Jessie (*Mahagony Songspiel* de Weill), Berta (*Barbeiro de Sevilha* de Rossini), Dorabella (*Così fan tutte* de Mozart), Pirene (*Auto de Coimbra* de Manuel Faria), Frasquita (*Carmen* de Bizet), Mademoiselle Silberklang (*O Empresário* de Mozart), Aia I (*Fragmento para um Sonho* de Pedro Amaral), Adina (*L'Elisir d'Amore* de Donizetti), Bastienne (*Bastien und Bastienne* de Mozart), Abadessa (*Amor de Perdição* de João Arroyo) e Aia I (*O Sonho* de Pedro Amaral).

Foi solista em várias obras do repertório da música sacra, tais como: *Glória* e *Magnificat* de Vivaldi, *Missa da Coroação* e *Exultate Jubilate* de Mozart, *Te Deum* de Charpentier, *Missa em Fá maior* de Lobo de Mesquita, *Paixão segundo S. João* e as quatro missas luteranas de Bach, *Missa de Santa Cecília* de Gounod, os *Stabat Mater* de José Maurício e Pergolesi, *Requiem* de Fauré, Cantata *Hier My Prayer* de Mendelssohn, *Missa das Crianças* de Rutter e *Gloria* de Poulenc, entre outras.

É membro do Coro Casa da Música.

Miguel Leitão *tenor*

Miguel Leitão nasceu no Porto, em 1980. Estudou no Conservatório de Música do Porto com Cecília Fontes e na Escola Superior de Música e Artes do Espectáculo do Porto com Rui Taveira. Foi membro permanente do Estúdio de Ópera da Casa da Música no Porto desde 2002, onde foi orientado vocalmente por Peter Harrison. No âmbito do Estúdio de Ópera, participou em concertos e produções como *L'ivrogne Corrigé* de Gluck, *Joaz* de Benedetto Marcello, *A Raposinha Matreira* de Janáček, *La Spinalba* de Francisco António de Almeida e *Bastien und Bastienne* de Mozart.

Em 2007 participou no Festival de Aldeburgh (Inglaterra), na produção de *Death in Venice* de Britten, e ainda no Festival de Bregenz (Áustria), onde integrou também o elenco de *Playing Away* de B. Mason e de *Tosca* de Puccini. No mesmo ano foi Tancredi em *Il Combattimento di Tancredi et Clorinda*, papel que retomou em Abril de 2014 com a Orquestra Barroca Casa da Música. Fez parte do coro do Festival de Glyndebourne na temporada de 2008, tendo preparado o papel de Monostatos como substituto para *A Flauta Mágica*. Em 2009 reforçou o coro da Covent Garden Opera House na ópera *O Navio Fantasma* de Wagner. Integra o Coro Casa da Música desde 2012.

Frequentou masterclasses e workshops com Peter Harrison, Lorna Marshall, Ana Ester Neves, Cecília Fontes, Jill Feldman, Muriel Corradini, Jeff Cohen, Eugene Asti, Philip Langridge, Malcolm Martineau, François Le Roux, Lada Valesova, Delia Lindon, Jaime Mota, David Wilson Johnson, William Lacey e Enza Ferrari, entre outros.

Luís Rendas Pereira *barítono*

Luís Rendas Pereira nasceu em Lisboa, em 1990. Estudou no Instituto Gregoriano durante 9 anos e terminou a Licenciatura em Música (área vocacional – Canto) na Universidade de Aveiro, em 2010, onde está a concluir o Mestrado em Ensino de Música. Estudou com a soprano Isabel Alcobia.

Como solista, interpretou no campo da oratória o *Laudate Dominum* de R. de Lalande, com a Orquestra Camerata Antiqua; a *Missá da Coroação* de Mozart, com o Orfeão de Leiria; *Dixit Dominus* de Händel e *Singet dem Herrn* de Telemann no Zêzere Arts Festival; e ainda o *Te Deum* de Charpentier, com a Orquestra Filarmonia das Beiras. Foi solista na 4ª Cantata da *Oratória de Natal* de Bach, com a Orquestra Barroca Casa da Música. No campo da ópera, destacam-se a estreia do papel de Homem na ópera de câmara do jovem compositor Edward Abreu, com encenação de Rúben Chama. Integra, desde 2011, a formação base do Coro Casa da Música.

Foi vencedor do 1º prémio (*ex-aequo*) no Concurso Internacional de Santa Cecília 2013, e do 3º prémio no XV Concurso Internacional Cidade do Fundão 2014. Em 2014, apresentou-se em vários recitais dedicados à música portuguesa ao lado da pianista Rita Seara. Foi também solista nas Cantatas BWV 36 e BWV 133 de J. S. Bach com a Orquestra Barroca Casa da Música. Em 2015, estreia-se a solo com o Remix Ensemble interpretando *O Requiem de Berlim* de Kurt Weill.

Ricardo Torres *baixo*

Ricardo Torres iniciou os estudos de canto em 2003 com a cantora croata Suzana Marinkovic. Em 2004, ingressou no Curso de Técnica Vocal e Repertório do Conservatório de Música do Porto, sob a orientação de Emanuel Henriques. Desde então tem participado em inúmeros projectos corais tais como o Coro Valentim de Carvalho e o Coro Pedro do Porto aquando da sua formação, sob a direcção de Magna Ferreira. Integrou o Coro de Ópera em produções do Ciclo Portuense de Ópera e da Orquestra do Norte. É coralista principal do Coro Casa da Música desde a sua formação, em 2009, e coralista e solista base do Ensemble Vocal Capella Durien-sis. Recentemente foi solista no *Te Deum* de António Teixeira (oratória em versão encenada) e *Oratória de Natal* de Bach com o Coro e Orquestra Barroca Casa da Música, sob a direcção de Lawrence Cummings, e noutros projectos da programação regular do Coro Casa da Música.

ORQUESTRA SINFÓNICA DO PORTO CASA DA MÚSICA

Baldur Brönnimann *maestro titular*

Leopold Hager *maestro convidado principal*

A Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música tem sido dirigida por reputados maestros, de entre os quais se destacam Baldur Brönnimann, Olari Elts, Leopold Hager, Michail Jurowski, Christoph König (maestro titular no período 2009-2014), Andris Nelsons, Vasily Petrenko, Emilio Pomàrico, Jérémie Rhorer, Peter Rundel, Michael Sanderling, Tugan Sokhiev, John Storgårds, Joseph Swensen, Gilbert Varga, Antoni Wit, Takuo Yuasa, Lothar Zagrosek, Peter Eötvös ou Ilan Volkov. Entre os solistas que colaboraram recentemente com a orquestra constam os nomes de Midori, Viviane Hagner, Natalia Gutman, Truls Mørk, Steven Isserlis, Kim Kashkashian, Ana Bela Chaves, Felicity Lott, Christian Lindberg, António Meneses, Simon Trpčeski, Sequeira Costa, Jean-Efflam Bavouzet, Lise de la Salle, Cyprien Katsaris, Alban Gerhardt, Pierre-Laurent Aimard ou o Quarteto Arditti. Diversos compositores trabalharam também com a orquestra, no âmbito das suas residências artísticas na Casa da Música, destacando-se os nomes de Emmanuel Nunes, Jonathan Harvey, Kaija Saariaho, Magnus Lindberg, Pascal Dusapin, Luca Francesconi, Unsuk Chin, Peter Eötvös e Helmut Lachenmann.

Nas últimas temporadas apresentou-se nas mais prestigiadas salas de concerto de Viena, Estrasburgo, Luxemburgo, Antuérpia, Roterdão, Valladolid, Madrid e no Brasil, e é regularmente convidada a tocar em Santiago de Compostela e no Auditório Gulbenkian. A interpretação da integral das sin-

fónias de Mahler marcou as temporadas de 2010 e 2011. A gravação ao vivo com obras de Pascal Dusapin foi Escolha dos Críticos 2013 na revista Gramophone. Em 2014 surgiu o CD monográfico de Luca Francesconi com gravações ao vivo na Casa da Música. Na temporada de 2014, a Orquestra interpretou uma nova obra encomendada a Harrison Birtwistle, no âmbito das celebrações do 80º aniversário do compositor.

A origem da Orquestra remonta a 1947, ano em que foi constituída a Orquestra Sinfónica do Conservatório de Música do Porto. Actualmente engloba um número permanente de 94 instrumentistas e é parte integrante da Fundação Casa da Música desde Julho de 2006.

REMIX ENSEMBLE CASA DA MÚSICA

Peter Rundel *maestro titular*

Desde a sua formação em 2000, o Remix Ensemble apresentou em estreia absoluta mais de oitenta e cinco obras e foi dirigido pelos maestros Stefan Asbury, Ilan Volkov, Kasper de Roo, Pierre-André Valade, Rolf Gupta, Peter Rundel, Jonathan Stockhammer, Jurjen Hempel, Matthias Pintscher, Franck Ollu, Reinbert de Leeuw, Diego Masson, Emilio Pomàrico, Brad Lubman, Peter Eötvös e Paul Hillier, entre outros.

No plano internacional apresentou-se em Valência, Roterdão, Huddersfield, Barcelona, Estrasburgo, Paris, Orleães, Bourges, Reims, Antuérpia, Madrid, Ourense, Budapeste, Norrköping, Viena, Witten, Berlim, Amesterdão, Colónia, Zurique, Luxemburgo e Bruxelas, incluindo festivais como o Wiener Festwochen (Viena) e o Agora (IRCAM – Paris). Entre

as obras interpretadas em estreia mundial incluíram-se duas encomendas a Wolfgang Rihm, o concertino para piano *Jetzt genau!* de Pascal Dusapin no programa de encerramento do Festival Musica de Estrasburgo, a ópera *Quartett* de Luca Francesconi, com encenação de Nuno Carinhas, apresentada no Porto e em Estrasburgo, *Le soldat inconnu* de Georges Aperghis, uma encomenda da ECHO, e *Da capo* de Peter Eötvös. O projecto *Ring Saga*, com música de Richard Wagner adaptada por Jonathan Dove e Graham Vick, levou o Remix Ensemble ao Festival Musica de Estrasburgo, Cité de la Musique em Paris, Saint-Quentin-en-Yvelines, Théâtre de Nîmes, Le Théâtre de Caen, Grand Théâtre du Luxembourg e Grand Théâtre de Reims.

Entre os projectos para 2015, merece destaque a estreia mundial da ópera *Giordano Bruno* de Francesco Filidei, no Porto e em Estrasburgo. Apresenta-se no Printemps des Arts de Monte Carlo, Elbphilharmonie de Hamburgo e festival Wien Modern (Viena), e leva novamente à cena a ópera *Massacre* de Mitterer, no Théâtre du Capitole de Toulouse.

O Remix tem onze discos editados com obras de Pauset, Azguime, Côte-Real, Peixinho, Dillon, Jorgensen, Staud, Nunes, Bernhard Lang, Pinho Vargas, Wolfgang Mitterer, Karin Rehnqvist, Pascal Dusapin e Luca Francesconi. A prestigiada revista londrina de crítica musical *Gramophone* incluiu o CD com gravações de obras de Pascal Dusapin, pelo Remix Ensemble e a Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música, na restrita listagem de Escolha dos Críticos do Ano 2013.

ORQUESTRA SINFÓNICA DO PORTO CASA DA MÚSICA

Violino I

James Dahlgren*
Radu Ungureanu
Vadim Feldblioum
Vladimir Grinman
Maria Kagan
Ianina Khmelik
Tünde Hadadi
Evandra Gonçalves
Emília Vanguelova
José Despujols
Alan Guimarães
Roumiana Badeva
Andras Burai
Jorman Hernandez*
Diogo Coelho*

Violino II

Nancy Frederick
Tatiana Afanasieva
Mariana Costa
Pedro Rocha
Francisco Pereira de Sousa
Domingos Lopes
Lilit Davtyan
Paul Almond
José Paulo Jesus
Vítor Teixeira
Nikola Vasiljev
José Sentieiro
Germano Santos
Diogo Coelho*
Vera Sousa*
Pedro Carvalho*

Viola

Sarina Zickgraf*
Mateusz Stasto
Emília Alves
Francisco Moreira
Rute Azevedo
Jean Loup Lecomte
Theo Ellegiers
Hazel Veitch
Luís Norberto Silva
Biliana Chamlieva
Beata Costa*
Francisca Moreira*

Violoncelo

Vicente Chuaqui
Feodor Kolpachnikov
Bruno Cardoso
Michal Kiska
Sharon Kinder
Aaron Choi
Gisela Neves
Hrant Yerosyan
Américo Martins*
Vanessa Pires*
Ricardo Januário*
Miguel Fernandes*

Contrabaixo

Florian Pertzborn
Joel Azevedo
Jean Marc Faucher
Altino Carvalho
Nadia Choi
Slawomir Marzec
Raquel Iglesias*
Daniel López Giménez*

Flauta

Paulo Barros
Ana Maria Ribeiro
Angelina Rodrigues
Alexander Auer

Oboé

Aldo Salvetti
Eldevina Materula
Tamás Bartók
Jean-Michel Garetti

Clarinete

Luís Silva
Carlos Alves
António Rosa
Gergely Suto

Fagote

Gavin Hill
Robert Glassburner
Vasily Suprunov
Pedro Silva

Trompa

Bohdan Sebestik
Eddy Tauber
André Gomes*
Hugo Carneiro
Luís Duarte Moreira*
António Seabra*

Trompete

Sérgio Pacheco
Ivan Crespo
Luís Granjo
Rui Brito
Dawid Seidenberg

REMIX ENSEMBLE CASA DA MÚSICA

Trombone

Severo Martinez
David Silva*
Marcos Pereiro*

Tuba

Luís Oliveira*

Tímpanos

Nuno Simões

Percussão

Bruno Costa
Paulo Oliveira
André Dias*
Sandro Andrade*
João Tiago Dias*

Harpa

Ilaria Vivan
Françoise de Maibus*

Piano

Luís Filipe Sá*

*instrumentistas convidados

Violino

Angel Gimeno
José Pereira

Viola

Trevor Mctait

Violoncelo

Oliver Parr

Contrabaixo

António A. Aguiar

Flauta

Stephanie Wagner

Oboé

José Fernando Silva

Clarinete

Vítor J. Pereira
Ricardo Alves

Fagote

Roberto Erculiani
Lurdes Carneiro

Saxofone

Romeu Costa
Fernando Ramos

Trompa

Dário Ribeiro
João Gaspar

Trompete

Ales Klancar
João Moreira

Trombone

Ricardo Pereira
Emanuel Rocha

Percussão

Manuel Campos

Piano/Órgão

Jonathan Ayerst

Harmónio

Vítor Pinho

Guitarra/Banjo

Júlio Guerreiro



casa da música

MECENAS PROGRAMAS DE SALA

mas PORTO PALÁCIO
CONGRESS HOTEL & SPA
OPALUSTROTECERAMICOPORTO

MECENAS CASA DA MÚSICA



APOIO INSTITUCIONAL

 GOVERNO DE
PORTUGAL
SECRETÁRIO DE ESTADO
DA CULTURA

MECENAS PRINCIPAL
CASA DA MÚSICA

